Viagem ao Outro: Possibilidades que Permeiam a Relação Estabelecida entre Jornalistas e suas Fontes[1]

Denise Casatti[2]

Mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo

Resumo

Este artigo discute, sob diversos pontos de vista, os fenômenos que ocorrem no encontro, na troca, entre os jornalistas e as pessoas que narram suas histórias a eles. Ao lançar luzes sobre a viagem que cada um desses sujeitos pode fazer a partir daí, a hipótese principal é de que uma relação mais próxima entre jornalistas e fontes favorece a construção de uma narrativa diferenciada, que pode, inclusive, atingir um patamar artístico literário. Respeitando as esferas próprias de atuação do jornalismo, o estudo abarca conceitos da filosofia, da psicologia e da estética, com o foco direcionado, especialmente, para as contribuições que a fenomenologia da percepção, de Mearleau-Ponty, pode trazer para a compreensão dessa relação, uma questão que é primordial também na formação dos futuros jornalistas.

Palavras-chave

Intersubjetividade; jornalismo; psicologia; estética; filosofia.

Corpo do trabalho

No jornalismo tradicional, é comum adotarmos o termo "fonte de informação" para denominar todos os recursos utilizados pelo jornalista para obter informações na produção de uma matéria: reportagens anteriores sobre o tema, livros, sites, monumentos, entrevistados etc. No caso deste artigo, o foco não é a relação do jornalista com todas essas fontes de informação, mas somente com uma: a pessoa (o entrevistado ou a entrevistada) que se dispõe a contribuir com o jornalista na construção da narrativa da contemporaneidade[3].

Mas, antes de mergulhar nessa reflexão, é preciso fazer algumas ressalvas. Na atual crise de paradigmas da ciência, com o advento de descobertas que vêm abalando profundamente as raízes cartesianas que fundamentam o pensamento ocidental moderno, é importante ter em mente que muitos alicerces científicos que estão sendo rediscutidos também são empregados para embasar alguns

---

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

[2] Mestranda em Comunicação Social na Escola de Comunicações e Artes/USP, sob orientação de Edvaldo Pereira Lima. Formou-se em jornalismo pela mesma instituição em 2001 e trabalha, atualmente, na área de comunicação empresarial. Possui experiência profissional em jornalismo impresso diário e assessoria de imprensa. Endereço eletrônico: denise_casatti@yahoo.com.br

[3] A definição de que o jornalismo é uma narrativa da contemporaneidade deriva das pesquisas da professora Cremilda Medina, da ECA/USP.

conceitos utilizados no jornalismo. Conseqüentemente, o jornalismo é um campo de conhecimento que também vêm sofrendo o impacto dessa crise de paradigmas. Há uma demanda para que as pesquisas no campo do jornalismo passem a abarcar questões que, até o momento, não tinham sido colocadas em pauta simplesmente porque pareciam já estar respondidas.

> "Qualquer que seja o cenário a ser enfrentado pelo Jornalismo, uma condição é subjacente: valores como objetividade e verdade precisam ser reavaliados. Não há como contornar o impasse. O Jornalismo precisa enfrentar a discussão sobre sua relação como mediador social, repensando o que é um relato preciso, o que significa reportar fatos com objetividade. Se o Jornalismo se ocupa de certezas, e se as indagações acerca da participação da subjetividade emergem com força crescente, não mergulhar nesta busca pode comprometer ainda mais a função desse campo profissional. Se até mesmo os cientistas vêm mergulhando nestas escuras águas, por que jornalistas – que sempre se espelharam nos primeiros para definir método e conduta – iriam se esgueirar?" [4]

Nesse contexto, este artigo tem como pano de fundo algumas concepções básicas: os produtos jornalísticos são leituras possíveis da realidade. Tratam-se de construções e não de reproduções ou retratos fiéis da realidade. E os jornalistas são leitores do mundo.

Essas concepções são os primeiros passos que abrem o caminho para que o jornalismo desenvolva amplamente suas potencialidades. Incluindo-se aqui o potencial existente na relação estabelecida entre o jornalista e a pessoa que lhe conta algo. Afinal, para que o encontro entre o jornalista e essa pessoa possa assumir o caráter de uma viagem transformadora, ambos precisam se dispor a, em um primeiro momento, estabelecer a própria relação que brotará entre essas duas subjetividades e, em última instância, construir o produto jornalístico resultante desse encontro, quer seja um texto, um vídeo, um *press release* ou qualquer outra modalidade.

Agora, se entendermos o produto jornalístico como um retrato de uma realidade já existente, qual será a motivação do jornalista para estabelecer uma relação mais profunda com essa fonte de informação? Se a matéria que surgirá é fruto de uma realidade pronta e única, os caminhos de construção do texto e seu processo de geração perdem a importância, posto que, independentemente do percurso realizado, o conteúdo básico da reportagem, a pretensa "realidade", já se apresentava lá desde o início da jornada... É como se o destino final da viagem sempre estivesse ao nosso alcance, esperando para ser reconhecido, e não que o próprio caminhar nos conduzisse a esse destino.

Mas ao nos depararmos com a produção jornalística atual, observamos exatamente o oposto: os resultados variam de acordo com os caminhos percorridos pelos jornalistas. Se um repórter vai noticiar o lançamento da loja da Daslu na cidade de São Paulo a partir do evento de inauguração, teremos como

[4] Rogério CHRISTOFOLETTI, A medida do olhar, p. 116.

resultado um relato a partir desse ponto de vista. Agora, se o repórter resolver passar uma semana na favela existente atrás dos muros da loja, teremos um outro resultado, com um ponto de vista diferente do primeiro[5]. Isso porque diferentes formas de caminhar levam a diferentes lugares, não menos "verdadeiros" e "reais" uns dos outros, apenas diversos.

Berços de um contar e de um escutar

Quando analisamos narrativas jornalísticas que abarcam histórias de vidas, nos deparamos com um trabalho de apuração de informações que requer um escutar específico: o escutar de um relato de uma vida inteira. Uma das características peculiares dos relatos ouvidos pelos jornalistas nas histórias de vida é que sempre se está diante de um contar que é fruto do que se sucedeu antes desse contar. E quem conta sua história ao jornalista – quer seja sobre as sensações que estão tomando conta do corpo no quase instante da fala, sobre um bombardeio que começou poucos minutos atrás ou uma guerra que terminou há anos –, sempre está falando a partir de uma percepção. Primeiro, o ser humano precisa perceber a situação, o fato, a emoção, ou o que for, registrando o acontecido, para só então ser capaz de enunciá-lo. O discurso nasce a partir da percepção, é a percepção que suscita o discurso.

"Diz-se que um homem nasceu no momento em que aquilo que, no fundo do corpo materno, não passava de um visível virtual torna-se ao mesmo tempo visível para nós e para si."[6] A frase de Merleau-Ponty traz em seu cerne a reflexão do autor sobre o que é a percepção. O mundo silencioso da percepção, para Merleau-Ponty, nasce a partir da relação do homem com seu próprio corpo. Uma relação complexa, em que sou, ao mesmo tempo, vidente e visível. "O enigma reside nisto: meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o 'outro lado' do seu poder vidente Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo."[7] Ou seja, trago em meu corpo a marca visível da minha vidência, a marca tocada do meu toque, a marca escutada da minha escuta... E, por mais que eu tente, jamais me olharei como olho o outro, me tocarei como toco o outro, me escutarei como escuto o outro... Mora em mim uma impotência de "ser" o outro.

Para Merleau-Ponty, essa impotência do ser humano não é um fracasso, mas atesta sua capacidade de se ouvir por dentro e por fora, de se tocar por dentro e por fora, de se ver por dentro e por fora... A um só tempo, o dentro também é o fora. É assim que o filósofo revela a reflexividade do corpo, conceito fundamental na sua definição da percepção. Pois, se eu assisto ao outro do meu lugar, e sou

[5] Referência à reportagem "Caríssima Eliana", publicada no Jornal "O Estado de S. Paulo", em 12 de junho de 2005, caderno "Aliás".
[6] Maurice MERLEAU-PONTY, Textos escolhidos, p. 92.

incapaz de ver o que ele vê, a própria visão do outro atesta os limites da minha visão. E, exatamente por ocupar um lugar no mundo, é que posso reconhecer que cada perspectiva é única, havendo assim uma coexistência de perspectivas.

Nesse mundo solitário da percepção, como sou capaz de me comunicar com os outros? Ora, pela linguagem. O mundo silencioso da percepção solicita o mundo invisível das palavras. É pela linguagem que consigo partilhar a minha perspectiva com o outro. Por isso, minha linguagem sempre se refere a algo, mas nunca é o algo em si.

"Toda expressão sempre me aparece como um vestígio, nenhuma idéia me é dada na transparência e todo esforço para fechar nossa mão sobre o pensamento que habita a palavra deixa apenas um punhado de material verbal entre nossos dedos."[8] É como se a própria definição de linguagem carregasse em si uma espécie de memória do que deseja expressar. Isso nos leva a concluir que a plenitude da expressão nunca é conseguida.

Mais uma vez, essa impotência não é vista por Merleau-Ponty como um empecilho, mas como o que nos dá a possibilidade de nos comunicarmos. Afinal, se houvesse uma expressão plena, incontestável, assim como uma percepção plena, por que precisaríamos nos comunicar? Se você pudesse ocupar o lugar do "outro" no mundo, se já soubesse as perspectivas do "outro", onde estaria a graça de ouvi-lo? Onde estaria a graça de compartilhar da sua perspectiva, do seu olhar, do seu sentir, enfim, da sua experiência de mundo?

Tomando como partida este pequeno resumo do pensamento de Merleau-Ponty, podemos pensar que, quando um jornalista esta diante de alguém que lhe conta uma história, está também diante de alguém que lhe conta sua perspectiva de mundo por meio da linguagem, alguém que viveu algo (não importa se de maneira física, psicológica ou metafórica) e é capaz de se pronunciar a partir dessa experiência. Alguém que nos conta, em última instância, suas memórias.

A construção da lembrança e de novas leituras

Mas de onde nasce o chamado para o lembrar? Será que o que estava guardado em nossa mente, oculto até para nós mesmos, vem à tona por acaso?

---

[7] Maurice MERLEAU-PONTY, Textos escolhidos, p. 88.
[8] Maurice MERLEAU-PONTY, Textos escolhidos, p. 133.

Para Ecléa Bosi, "é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde."[9] Nesse sentido, quando alguém se dispõe a narrar uma história para o jornalista, a história a ser narrada não estava de antemão pronta na mente de quem narra, mas vai se construindo no próprio contar.

> "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor." [10]

Ou seja, as memórias não estão de antemão prontas na mente de quem as conta, mas se constróem no próprio lembrar. É o contar das nossas experiências que nos leva à construção desse próprio contar: "Para o sujeito falante, exprimir é tomar consciência; não exprime somente para os outros, exprie para que ele próprio saiba o que ele visa." [11] Compartilhando da visão de Merleau-Ponty, a qual não vê nas impotências humanas suas limitações, mas suas possibilidades, podemos compreender que é devido a essa incapacidade de recuperar o passado tal como ele foi que existe a abertura para novas leituras sobre nossas vidas.

Partindo dessa abertura para novas leituras, a qual corresponde à compreensão merleau-pontyana da coexistência de perspectivas, o professor João Augusto Frayze-Pereira, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, propõe que o discurso psicanalítico seja compreendido sob um novo ponto de vista: constituindo-se como recriação da realidade a se fazer sempre. Nessa visão sobre a psicanálise, o psicanalista não é compreendido como um arqueólogo em busca dos tesouros escondidos do paciente, mas como um profissional capaz de acompanhar o paciente na criação de novas realidades, amparando-o na construção de um sentimento de realidade.

É este ponto de vista a respeito da psicanálise que, acredito, tem muito a contribuir com o jornalismo. Tal como o discurso psicanalítico e a memória, o texto jornalístico não é fruto direto do que se passou, do que se ouviu, viu, viveu, sentiu, mas uma construção a partir de instrumentos próprios do presente.

Se até a memória não é um retrato fiel do passado, por que o jornalismo e a psicanálise o seriam? Não se constituir em um retrato fiel da realidade implica uma falsificação?

---

[9] Ecléa BOSI, Memória e Sociedade, p. 48.
[10] Ecléa BOSI, Memória e Sociedade, p. 55.
[11] Maurice MERLEAU-PONTY, Textos escolhidos, p. 134.

> "A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo." [12]

Ao que tudo indica, a questão da impossibilidade de um retrato fiel da realidade, do passado, ou do que quer que seja, não nos coloca diante de uma "falsificação" do mundo, mas diante de características intrínsecas de nossa realidade: multiplicidade infinita e transcendência de sentidos, de significados, de perspectivas.

Essa visão da realidade não conduz unicamente à negação da existência de um jornalismo objetivo ou de uma psicanálise objetiva, e sim ao questionamento de todo um arcabouço de conceitos e idéias positivistas que levaram à elaboração de concepções que separam sujeitos e objetos, que sentenciam a existência de "uma Verdade", que trabalham com oposições estanques entre subjetivo e objetivo, realidade e fantasia, mentira e verdade, individual e coletivo etc.

Assim, a pessoa que conta algo ao jornalista para a composição de uma história de vida elabora o discurso no momento mesmo em que o fala. É um sujeito que trabalha para articular suas memórias, que interage com o interlocutor na construção do que está sendo dito. Um sujeito que, conseqüentemente, é ativo e passivo a um só tempo: ativo porque constrói um discurso e passivo porque seu relato surge a partir do atendimento às demandas do jornalista.

Neste ponto, vamos voltar a Ecléa Bosi para evidenciar porque, no caso das histórias de vida, a veracidade é uma palavra fora de contexto: "Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida." [13] Ou seja, nas histórias de vida, o que importa é o que está sendo dito, o que foi lembrado. Não há a preocupação que existira em uma matéria de denúncia, por exemplo, de se mostrar possíveis conflitos, provas auxiliares e colocar aspas apenas naquelas palavras ditas literalmente pelo entrevistado.

Nas histórias de vida, a atitude na apuração das informações é diferente. O jornalista não busca o distanciamento do contador, mas uma proximidade que permita compreensão. Um compreender que não se restringe ao relato que lhe chega aos ouvidos, que também engloba toda a radiância de vida que se coloca diante de seus poros. É a tentativa do impossível: olhar a vida que se apresenta como se fosse nossa própria vida, como se pudéssemos viver sob a pele do "outro". E a realização do possível: olhar a vida que se apresenta com compaixão, assumindo que se está disposto a "sofrer junto" com o contador –

[12] Ecléa BOSI, Memória e Sociedade, p. 68.

“com” quer dizer companhia e paixão, sofrer –, lembrando-se que isso implica que haverá também o compartilhar de inúmeros sorrisos...

"Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto" [14] Fica uma dica de Ecléa: a faculdade de escutar é tanto mais apurada, quanto mais o ouvinte se esquece de si, pois é então que o relato pode penetrar mais profundamente nos poros desse ouvinte. “É necessário um treinamento para ajudá-lo a abrir os ouvidos, para que você possa começar a ouvir metaforicamente em vez de literalmente.” [15]

Como abrir nossos ouvidos? Como “abrir” nossos olhos, narizes, bocas e poros? Será que um dos caminhos é estabelecer uma relação mais próxima com os contadores de memórias?

A viagem ao outro

> “E é nesse sentido que se dão as viagens, isto é, como experiência propriamente dita, como abertura indeterminada ao outro, ao porvir, que exige do viajante distanciamento não porque este se desloca entre lugares distantes, mas porque se autodiferencia e transforma seu mundo.”[16]

É essa viagem da abertura indeterminada ao outro que os jornalistas poderiam estabelecer com suas fontes. Uma experiência que esfumaça as posições determinadas de sujeito e objeto, de ouvinte e contador. Encarada como “complexa autodiferenciação”, a relação estabelecida é troca de experiências e de “lugares”:

- o jornalista que ouve, às vezes, se transforma no contador que enuncia um discurso. Além de suas próprias memórias emergirem, na medida em que escuta o outro, ele também recompõe o que ouviu para fazer perguntas e estar certo de que compreendeu o dito. Indo mais longe, na própria maneira de se relacionar com o contador, o jornalista carrega seu passado, seu presente e, por que não, o futuro...
- o contador que enuncia, às vezes, se transforma no ouvinte que escuta atento ao questionamento, que silencia para pensar, para descansar, para falar aquilo que não consegue (ou não quer) marcar com palavras. Em última análise, o contador é também um ouvinte de suas próprias histórias.

Nessa interação constante entre jornalista e contador, há mais do que coleta de memórias. Há duas existências sendo relidas, revistas, repensadas, recordadas. Um terreno propício para transformações, as

---

[13] Ecléa BOSI, Memória e Sociedade, p. 37.
[14] Marilena de Souza CHAUÍ, Os trabalhos da memória. In: Memória e Sociedade, p. 13.
[15] Joseph CAMPBELL, O poder do mito, p. 61.
[16] João Augusto FRAYZE-PEREIRA, Sobre o trágico, mais ainda. In: A viagem: da literatura à psicanálise, p. 12-13.

quais não se restringem ao domínio jornalista-fonte, podendo alcançar até mesmo o leitor do texto fruto desse processo...

"O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contado por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem sua história."[17] A experiência vivida e ouvida, que se dá durante o processo estabelecido entre jornalistas e contadores, é o que guia as palavras futuras do jornalista. Ele, ao colocar essa experiência em palavras, torna-a conhecida para os outros e também para si.

Abertura ao infinito

> "Merleau-Ponty escreveu que a obra de pensamento é como a obra de arte, pois nela há muito mais pensamentos do que aqueles que cada um de nós consegue abarcar. O texto, por sua própria força interior, engendra os textos de seus leitores que, não sendo herdeiros silenciosos de sua palavra, participam da obra na qualidade de pósteros. A obra de pensamento, excesso das significações sobre os significados explícitos, engenda sua posterioridade – o trabalho da obra é criação de sua própria memória justamente porque a obra não está lá (no primeiro texto) e nem aqui (no último escrito), mas em ambos."[18]

E a obra está tanto lá quanto aqui porque é tal como o nosso corpo, completa. Ocupando um lugar no mundo, ela é o visível que abarca o invisível, abrindo-se a inúmeras interpretações. E cada uma dessas interpretações não a distorcem. Muito pelo contrário, por ter sido a própria obra a criadora de seu campo infinito de possibilidades, cada interpretação a que está sujeita abarca um dos infinitos aspectos que habitam essa mesma obra. Para cada um, como diria Ecléa a respeito da memória, "fica o que significa".

Nesse sentido, o termo memória ganha uma dimensão nova. Carrega a idéia do que permanece, do eterno, da vida que resiste ao tique e taque do relógio. Assim, podemos compreender que estar diante de uma pessoa que nos conta suas memórias é estar diante de uma pessoa que nos conta "o que não deve ser esquecido". Cabe ao jornalista saber escutar este "o que não deve ser esquecido", que nem sempre está revelado nas palavras pronunciadas mas, muitas vezes, esconde-se nas entrelinhas, no gesto, no olhar, no não-dito. É com essa compreensão profunda do outro que os jornalistas podem abrir portas para uma viagem transformadora para si e para os outros. Uma viagem que relê as memórias de quem conta, de quem ouve, de quem vai entrar em contato com a matéria jornalística resultante dessa viagem. É assim que o jornalismo pode recuperar sua força de produtor de "textos para guardar para sempre", textos que não se esvaem com o fim dos acontecimentos narrados, das histórias vividas, mas que engendram infinitas possibilidades de leitura.

---

[17] Marilena de Souza CHAUÍ, Os trabalhos da memória. In: Memória e Sociedade, p. 14.

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar:** objetividade e autoria, 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo. São Paulo.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. **A tentação do ambíguo:** sobre a coisa sensível e o objetivismo científico: estudo e crítica. São Paulo: Ática, 1984.

KON, Noemi Moritz. **A viagem:** da literatura à psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Página ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

[18] Marilena de Souza CHAUÍ, Os trabalhos da memória. In: Memória e Sociedade, p. 21.